

A POESIA MELANCÓLICA DE JOÃO LINS CALDAS

Autora: Elianne Alves Silva (UERN)
eliannealves.s@hotmail.com

Coautora: Prof^ª Dr^ª Cássia de Fátima Matos dos Santos (UERN)
kssiamatos@yahoo.com.br

Introdução

As expressões “incompreendido” e “gênio” parecem ser bem oportunas para apresentar a figura “enigmática” que perpassa toda a existência do homem e poeta João Lins Caldas. Nascido na cidade de Canguaretama, interior do Rio Grande do Norte, e migrando ainda menino para a cidade de Assu/RN, começa a escrever por volta de 1905, com dezessete anos. Embora muito jovem, já compunha sonetos formalmente bem escritos, como nos aponta Santos (2010), e isso chega a impressionar já que tinha pouca escolaridade e morava na zona rural. Segundo Eugênia Montenegro (CALDAS, 1975), o poeta tinha consciência, desde cedo, de seu dom de escrever versos e de sua “predestinação literária”, pois um dia diz ao pai: “Meu pai, eu sou um gênio”.

Sua genialidade, porém, não recebeu o devido reconhecimento e sua poesia ficou esquecida, contraditoriamente, em uma terra conhecida como a “terra dos poetas”. Em depoimentos de parentes e amigos de João Lins, colhidos por Santos (2010), é possível perceber que o autor não se identificava com a poesia dos autores assuenses. Essa proximidade não ocorreu, dentre outros motivos, porque João Lins era de um temperamento arredio, isolado em seu mundo.

Esse temperamento excêntrico, extremado, afastava-o da convivência social, fato que o levou a ser tachado como louco esquizofrênico. Incompreendido pela terra a qual devotava tanto amor preferiu a solidão de sua morada, acompanhado de uma filosofia de vida própria e de seus versos, estes, por sua vez, produzidos em grande quantidade.

Como constam nos depoimentos da tese de Santos (2010) João Lins Caldas escrevia compulsivamente, o que o fez acumular uma grande quantidade de textos, principalmente poemas. Embora com uma vasta quantidade de poemas, praticamente nada se conhecia dela a não ser os 60 (sessenta) poemas publicados em 1975, no livro *Poética*. Recentemente, uma parte mais significativa da poesia do autor pôde ser conhecida por meio da publicação do livro *Poeira do Céu e outros poemas* (2009), organizado por Santos, e por sua tese de doutorado intitulada *Vaga-lume na treva: a poesia de João Lins Caldas* (2010).

Assim sendo, uma “lírica multifacetada” dá margem para uma infinidade de pesquisas. A escolha, porém, pela melancolia, deve-se justamente ao fato de ser um tema muito recorrente nas poesias do autor. Partindo deste enfoque, esse trabalho investiga o lirismo melancólico presente na poesia de João Lins Caldas, evidenciando na estrutura dos poemas como a melancolia revela os desajustes da vida e nega a existência humana tal qual ela se apresenta. Em consequência, identificamos os elementos expressivos por meio dos quais a melancolia se apresenta na estrutura dos poemas; observamos como a visão trágica de mundo é percebida pelo sujeito poético; verificamos de que forma a subjetividade do eu lírico é atingida pela tragicidade que ele percebe na realidade a sua volta. Em resumo, o que se pretende, portanto, é refletir sobre a melancolia como componente constitutivo da lírica de João Lins Caldas.

A pesquisa desenvolvida situa-se no campo da análise e interpretação literária. O *corpus* é composto de três poemas intitulados “Perseguido dos ódios, perseguido”; “Trágico o mundo... trágico o mundo...”; “A vida está cheia de todos os acabados monstros” selecionados

do livro *Poeira do Céu e outros poemas* do poeta João Lins Caldas – obra póstuma – organizado por Santos (2009).

Para proceder à análise dos poemas nos embasamos nas teorias de análise propostas por Bosi (1977) no livro *O ser e o tempo da poesia*. Também corroboram para o desenvolvimento desse trabalho as teorias da melancolia discutidas por Scliar (2001; 2003), Ginzburg (2001), Benjamin (1984) e Freud (1917), além de Berman (1986), ao discutir o turbilhão de experiências do homem no mundo moderno, uma das causas do surgimento da melancolia.

A título de organização, o trabalho está apresentado da seguinte maneira: primeiro, apresentamos um breve percurso da melancolia através dos tempos e de algumas ciências como a Medicina, a Filosofia, a Religião e a Psicanálise, apresentando as teorias dos autores citados, até chegar ao Brasil para podermos situar o poeta em estudo; em seguida, temos os poemas que compõem o *corpus*, acompanhados de suas respectivas análises; por fim, as conclusões com as contribuições do trabalho e as referências.

1. Breve percurso da melancolia

Para compreender a verve melancólica presente nos poemas de João Lins é necessário que façamos primeiro um breve percurso da melancolia, apresentando as discussões de Scliar, Ginzburg, Benjamin e Freud sobre essa temática. Além disso, o trabalho parte de Berman (1986) para discutir a experiência da modernidade, uma vez que “o turbilhão de experiências do homem no mundo moderno” relaciona-se diretamente com o posicionamento do melancólico.

Antes de se tornar temática da arte literária, a melancolia é estudada pela Medicina, Filosofia, Religião e Psicanálise. Scliar (2001) e Ginzburg (2001) explicam que o termo é muito antigo e já existia entre os povos da Antiga Grécia. Em artigo intitulado *Conceito de melancolia*, Jaime Ginzburg atribui o primeiro conceito de melancolia ao médico Hipócrates que a define como um estado longo e profundo de medo e tristeza, provocando uma perturbação mental nas pessoas melancólicas.

De acordo com Scliar (2001), os distúrbios mentais de que trata Hipócrates são provocados por um desequilíbrio entre quatro humores presentes no nosso corpo: sangue, linfa, bile amarela e bile negra, manifestando-se especialmente pela ação desta última substância no corpo.

Mais tarde, faz-se uma associação entre a bile negra, Saturno e o deus Cronos para explicar a origem da melancolia. Para Benjamin (1984, p. 171-173) a elevação do planeta Saturno no firmamento provoca nas pessoas melancólicas um afastamento da realidade a sua volta e as faz entrar em um estado de contemplação interior. Já o deus Cronos representa os extremos, pois tem, ao mesmo tempo, o poder de criar e destruir. É a veneração pelos astros e pelos deuses que conduz os homens à melancolia, pois estes representam poder e glória e há o desejo de alcançá-los e a frustração diante da impossibilidade.

Com o advento da modernidade, o homem torna-se um ser melancólico devido às profundas transformações dessa época. Em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Berman (1986) aponta a modernidade como uma época paradoxal, na qual o homem vive um turbilhão de mudanças e transformações sociais, políticas, científicas, econômicas. É nesse ponto que se instala a contradição da vida moderna que, exposta a esse turbilhão de modificações e novidades, se dispersa em “multidão de fragmentos”, para usar uma expressão do autor. Tal fragmentação desorganiza a vida das pessoas que, desestruturadas, isolam-se do meio que as cerca, transferindo para si o mesmo caos que essa modernidade representa.

O conceito de modernidade proposto pelo autor parece ser compartilhado por Scliar (2003, p. 10), que define essa nova era como:

[...] uma época, em primeiro lugar, de grandes mudanças econômicas e políticas. Já não estamos diante de sociedades predominantemente agrárias; surge uma forte economia mercantil. [...] É uma época de grandes progressos científicos. E também da intensificação do comércio marítimo. É também uma época revolucionária para o pensamento. A abertura do mundo graças à navegação e ao comércio parece ter propiciado uma descoberta do conhecimento [...].

Tantas mudanças não apenas desestruturaram a vida das pessoas deixando-as sem rumo, como mostra Berman, mas também resultaram em uma profunda melancolia, esta associada ao desejo de morrer. A ideia de morrer nunca foi tão presente e passa a ser evocada por ordens religiosas e diversas manifestações artísticas. A melancolia, então, começa a se expandir para o universo intelectual como jamais se vira antes. O tema agora já não é tratado somente como doença, mas adquire uma “aura artística”. Ao passo que desordena os pensamentos e sentimentos, que os torna exacerbados, também conduz o sujeito a “sentir, pensar e contemplar de modos que, em condições equilibradas, não seriam possíveis” (GINZBURG, 2001, p. 106).

A partir desse momento, a melancolia se torna “pública” e deixa de ser algo predominantemente negativo, sendo uma forma de externar a criação artística, por isso mesmo se manifesta de forma diferente das que as demais pessoas passam, transformando os artistas melancólicos em uma espécie de gênio (SCLiar, 2009). O melancólico, ainda sob a ação da bile negra, acaba se frustrando por perceber que as limitações da vida o impedem de avançar, tornam-no um ser impotente. Toda a sua capacidade superior de ver e sentir as coisas ao redor se restringe devido ao pensamento ordenado que, para ele, gera um modo de viver esquematizado. O artista, porém, não aceita a redução que o mundo lhe propõe e se entrega à melancolia.

Ainda na modernidade, no início do século XX, a melancolia é estudada por Freud (1917). O autor seleciona algumas das características mais comuns do melancólico, a saber: um desânimo profundo, perda da capacidade de amar e baixa autoestima. Esta última o faz sentir-se desprezível. Porém, reconhece que essas também podem se aplicar a uma pessoa enlutada. O que difere, porém, o luto da melancolia é a redução do ego por parte do melancólico. Isso acontece porque na melancolia não se sabe realmente o que foi perdido porque o objeto amado pode não ter necessariamente morrido, apenas não pertence mais ao indivíduo, e a privação se passa no plano do inconsciente. Freud admite que a doença tem cura se o paciente perceber que tem mais valor que o objeto, se perder o desejo por ele, ou se conseguir libertar-se dos sentimentos de amor e ódio pelo objeto, ou seja, se superar a dualidade que o transtorna.

Apesar da visão de Freud de que a melancolia é uma doença, no Romantismo ela parece ter sido perfeitamente aceita e até buscada pelos artistas, adquirindo uma espécie de supremacia. Ginzburg (2001, p. 107-109) discute que a melancolia, com sua propriedade meditativa, leva o melancólico a contemplar a imensidão da natureza, ao passo que o faz perceber sua superioridade em relação a ela. A melancolia, então, passa a ser condição fundamental para se caracterizar àqueles poetas românticos que optam por uma espécie de apologia à morte. Isso ocorre, justifica Scliar (2003), porque a morte é uma espécie de saída da miséria moral e do desespero provocados pela tristeza, a morte seria o remédio para todos os males.

Trazendo para o contexto brasileiro, Scliar defende que o Brasil é um país melancólico desde a sua colonização, uma vez que os portugueses aqui chegaram tomados por um sentimento de nostalgia e tristeza. Justifica o autor:

[...] povo em busca de afirmação, vivendo num país pequeno e à sombra de um vizinho poderoso, os lusos buscaram no comércio transoceânico e na colonização de regiões distantes uma forma de subsistência e também de auto-afirmação nacional [...] (SCLIAR, 2003, p. 145-146).

Dessa forma, a cultura brasileira é contaminada pela melancolia portuguesa, mas não se trata apenas da tristeza lusa pela busca de uma identidade nacional, mas também das doenças trazidas pelos navios. Somando-se a isso, as tristezas indígena e negra também contribuíram para introduzir essa tristeza doentia.

Desse modo, a presença da melancolia nos escritos brasileiros emerge de todas essas tristezas que fizeram parte do passado histórico do país, resultando em uma indeterminação de sentido e muitas perdas no processo de formação do povo brasileiro. Esses elementos são introduzidos no campo literário porque são “elementos pressentidos pelos escritores na matéria histórica em vários momentos de nossa formação social, marcada por uma ‘violência estrutural’, e figurados de diferentes maneiras” (GINZBURG apud SANTOS, 2010, p. 104).

Nessa linha, merecem destaque, na prosa, os escritores Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Machado de Assis e Lima Barreto. Na poesia, essa tristeza é ainda mais presente. Poetas como Casimiro de Abreu, Raimundo Correia, Luís Guimarães, Álvares de Azevedo, Olavo Bilac, Mário Quintana, Drummond, Manuel Bandeira e Augusto dos Anjos trazem a melancolia como marca característica de seus poemas.

Do romantismo à modernidade, o tema foi recorrente em inúmeras obras. O interesse em traçar esse percurso da melancolia é para melhor compreendê-la no contexto da literatura brasileira. João Lins Caldas¹, autor em estudo nessa pesquisa, já aos 17 anos escrevia sonetos com a melancolia prevalecendo em muitos deles. Santos (2009) apresenta o autor como um sujeito melancólico e inconformado que buscava ser reconhecido como poeta, mas que nunca conseguiu a notoriedade almejada e também não publicou nenhum livro, que era o seu maior sonho.

2. Visão melancólica de si e do mundo

A poesia de João Lins Caldas é predominantemente melancólica, seja por uma perda de “natureza ideal” tendo em vista não ter realizado o sonho de ser um poeta notadamente reconhecido e de não conseguir publicar nenhum livro, seja no tratamento dos temas que se desenvolvem em torno de uma aura melancólica, ou na construção de um sujeito poético que apresenta a própria ruína interior a que está submetido.

De acordo com Santos (2010), boa parte da melancolia encontrada nos poemas do autor se justifica na frustração de não ter alcançado o reconhecimento almejado. Além disso, ele foi incompreendido durante toda a vida devido o forte temperamento que o fez afastar-se do meio em que vivia e seguir uma vida solitária. A solidão eleita por ele pode ter sido um dos motivos que o impediram de publicar um livro reunindo os incontáveis poemas que escreveu. Ressentido e na sua condição de isolamento, o poeta cria um eu lírico intimista profundamente melancólico, solitário, que concebe os tempos passado, presente e futuro como um verdadeiro caos. Vejamos essa melancolia no poema a seguir:

PERSEGUIDO DOS ÓDIOS, PERSEGUIDO

Das paixões, dos malditos pensamentos,
Eu tive n'alma muitos desalentos

¹ Para melhor detalhamento sobre a biografia do autor e sua obra ver a tese de doutorado *Vaga-lume na treva: a poesia de João Lins Caldas* (SANTOS, 2010); e a monografia *O lirismo melancólico na poética de João Lins Caldas* (SILVA, 2012).

Tive no coração muito gemido.

Acordado na dor, muito ferido,
Da tempestade reparando os ventos,
A voz para conter muitos lamentos
Eu vi todo presente escurecido.

Os homens, entre lutas, condenados,
Em ânsias, cada vez desamparados,
Nos lábios sempre a maldição mais dura,

Ébrios de dor e tontos de maldade,
Viam no cimo da perversidade,
Riam na porta da maior loucura.

Poeira do Céu e outros poemas (p. 133)²

O teor melancólico no poema se faz presente em dois momentos distintos vividos pelo sujeito poético: o passado e o presente. Ambos são, no contexto, tempos de desolação, de sofrimento, de destruição. O poema inicia com a descrição melancólica do tempo passado – evidenciado no emprego dos verbos no particípio passado e pretérito perfeito do indicativo – na qual apresenta o motivo de sua dor, manifestada no plano sentimental e também psicológico. Confirmamos a 1ª estrofe:

PERSEGUIDO DOS ÓDIOS, PERSEGUIDO

Das paixões, dos malditos pensamentos,
Eu tive n'alma muitos desalentos
Tive no coração muito gemido.

Na estrofe, o eu poético sente-se perseguido, mas não se trata de uma perseguição comum, tendo em vista não haver pessoas o seguindo, antes se refere a uma perseguição interior, causada pelo próprio ser. O passado o atormenta porque evoca suas dores, suas perdas, transformando-o em um ser profundamente desanimado, melancólico. A melancolia retratada no poema evoca-nos àquela melancolia penosa que Freud (1917) discute em seu artigo *Luto e melancolia*. Para ele, tal estado ocorre por uma perda objetual que acaba culminando numa redução do ego do melancólico. Isso acontece porque o indivíduo não sabe definir o que realmente foi perdido. A perda então se passa no inconsciente e o sujeito se volta para si na tentativa de recuperar, de alguma forma, o elo com o objeto amado. Como não consegue, acaba sofrendo uma perturbação da autoestima por meio do esvaziamento do ego que se torna destituído de valor.

Percebemos ainda que a lembrança do passado é melancólica, sofrida. Scliar (2003, p. 83) explica que essa retomada ao tempo anterior obriga o sujeito a olhar para dentro de si e afastar-se do mundo, a consequência é mais melancolia derivada da memória e das lembranças. O eu lírico do poema recorre à memória para trazer à tona as lembranças do passado que, sofridas, transformam-no em um ser disperso em si mesmo, carregado de melancolia.

A partir da 2ª estrofe, percebemos a relação temporal que se processa ao longo do poema. Antes, o sujeito lírico estava voltado para seu mundo interior, resgatando as suas

² Todos os poemas constam em: CALDAS, João Lins. *Poeira do Céu e outros poemas*. Organização, introdução e notas de Cássia de Fátima Matos dos Santos. Natal: EDUFRN: NCCEN, 2009. A partir deste, citaremos somente o título do livro e a página.

lembranças, como se estivesse “fechado” em um sonho. Agora, ele acorda, volta-se para o presente:

Acordado na dor, muito ferido,
Da tempestade reparando os ventos,
A voz para conter muitos lamentos
Eu vi todo presente escurecido.

Para compreender melhor essa relação passado/presente no poema, podemos recorrer ao pensamento de Bosi (1977, p.13) ao discutir a relação da imagem com o tempo na poesia. Para ele, passado e presente coexistem no texto por meio de um processo chamado “coexistência de tempos”, que se manifesta devido a construção das imagens. No processo, a imagem que foi reprimida não chega a ser esquecida, vindo se manifestar pela memória ou pelo sonho. Dessa forma, “o agora refaz o passado e convive com ele”. A convivência de passado e presente no poema se dá porque o último é uma confirmação da dor que não cessou. A sua dor é tamanha que ele a enfatiza por meio do vocábulo “muito”, repetido quatro vezes: “muitos desalentos/ muito gemido/ muito ferido/ muitos lamentos”. Com exceção do terceiro emprego da palavra, todas se tratam de pronome indefinido, o que reforça a ideia de Freud de que o sujeito melancólico não consegue precisar a causa de sua dor, apenas sabe que sofre a perda de algo.

O agora destruído que vemos no poema, com os homens perdidos, desamparados, vai ao encontro dos desalentos da modernidade de que trata Berman (1986), para quem o sentimento de desolação do homem é devido às inúmeras contradições da vida moderna que o faz sentir-se uma ruína interior. O sujeito poético de “Perseguido dos ódios, perseguido” consegue resgatar esse caos humano e trazê-lo à tona por meio da construção de imagens que reproduzem a maneira como o mundo é visto aos olhos dele. Esse processo, porém, de simbolizar só é possível graças ao uso que o poeta faz da palavra, esta, indo sempre em busca da imagem. Para Bosi (1977) o discurso consegue recuperar a imagem devido um “jogo de idas e voltas”. Esse jogo pode ser percebido no poema em análise no uso que o autor faz das rimas. A repetição dos fonemas no final dos versos confere um tom de simetria das partes, um ir e vir do tema que se mostra na relação passado/presente, marcada pela dor e sofrimento que se perpetua.

O autor de *O ser e o tempo da poesia* defende ainda que o verso metrificado concede ao poema uma unidade sonora, esta responsável pelo sentido que se constrói no texto. Essa forma coesa com que os significantes são postos no texto também é discutida por Benjamin (1984, p. 228) que define as rimas como intensificadoras do efeito das palavras, por isso elas são muito utilizadas para conferir o caráter dramático do texto. É justamente isso que faz João Lins, utiliza-se da força representativa contida nas rimas para intensificar a melancolia de um sujeito lírico profundamente amargurado consigo mesmo e com a forma como o mundo a sua volta se desenvolve.

Essa métrica culta, praticada a partir da Renascença, manifesta-se no poeta João Lins como “poesia-resistência” que Bosi (1977, p. 146) explica como sendo uma forma de a poesia resistir ao que ele chama “falsa ordem” da ideologia dominante. A poesia, então, “resiste ao contínuo ‘harmonioso’ pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso”. Assim, João Lins desconstrói essa “harmonia” que a sociedade tenta mostrar como verdadeira, revelando um sujeito social fragmentado, ao passo que também resiste a essa falta de solidez com a harmonia de seus versos. Resistir, porém, é, na poesia do autor, não concordar com as configurações da realidade circundante que tenta, a todo o momento, mascarar a inconsistência de seu sistema social.

A melancolia diante da vida pode também ser percebida no poema abaixo:

A VIDA ESTÁ CHEIA DE TODOS OS ACABADOS MONSTROS.

— O homem.

A vida está cheia de todas as famigeradas serpentes.

— O homem.

A vida corre parelha com todos os ventos e com todas as

tempestades.

— O homem.

A vida marcha para a concretização de todas as ideias e de todos

os pensamentos.

— Para onde marcha o homem.

Poeira do Céu e outros poemas (p. 238)

Recorrendo à temática, percebemos a visão melancólica do eu lírico diante da vida que parece se apresentar a ele como um lugar de horrores, tendo em vista comportar toda a maldade humana. O paralelismo que ele desenvolve por meio da expressão “A vida”, repetida quatro vezes, evidencia que ele só a percebe como um estado negativo de acontecimentos. A vida presente é vista dessa forma por causa da perversidade humana que, aos olhos do sujeito poético, parece ter atingido o seu ápice já que os homens são apresentados como “acabados monstros” e a vida como estando “cheia” deles. O futuro também é um tempo de desesperança. Isso percebemos nas expressões “A vida corre/ A vida marcha”, por meio das quais o eu lírico reforça o curso da vida em direção à maldade do homem. Este, por sua vez, parece ter o controle sobre ela, já que esta ora corre, ora marcha rumo a ele. É ele quem comanda o caráter rápido ou lento dos acontecimentos. Dessa forma, a vida é reconhecida como efêmera já que caminha conforme as ações do homem que é um ser finito, e por isso, de existência efêmera.

O caos que percebemos no poema nos lembra muito a visão que Berman (1986) tem da modernidade, uma época por ele apresentada como um “turbilhão de experiências” que confunde a mente humana, desestruturando-a totalmente. As pessoas não conseguem conviver harmoniosamente com tantas mudanças e tudo parece ser muito confuso, sem consistência.

A ruína interior que atinge o eu lírico e que o faz perceber a vida como destituída de valor nos faz lembrar o que diz Scliar (2001) sobre a melancolia que atinge a vida das pessoas. No universo intelectual, os artistas não aceitavam as limitações que essa forma de viver coordenada por uma ideologia da vida moderna propunha, e se sentindo pressionados por essa realidade, entregavam-se à melancolia. É isso que acontece com o sujeito poético de “A vida está cheia de todos os acabados monstros”, ele não consegue viver em uma sociedade que elabora um modo de viver regrado, como uma espécie de esquema e, ao mesmo tempo, é responsável por uma desordem tão grande. Não encontrando segurança nesse sistema, ele se desestrutura emocionalmente, e a consequência é uma profunda melancolia.

O sentimento de incredulidade em relação à vida e, principalmente, à espécie humana, resultante da percepção que o eu lírico tem da sua história, é enfatizado pela maneira como ele descreve o homem criando imagens destruidoras para representá-lo. O processo de associação entre discurso e imagem é chamado por Bosi (1977) de “predicação”. Predicar é, para o autor, tecer relações entre o ser e o que se predica dele, é apresentar suas características reais ou imaginárias, alcançando assim o que ele denomina “imagem frásica”. No poema de João Lins, percebemos essa predicação e construção da imagem frásica quando ele se refere ao homem como “acabados monstros/ famigeradas serpentes/ ventos e tempestades”, obedecendo à verdadeira natureza da metáfora que é, para Candido (2006), a semelhança entre coisas dessemelhantes.

Essa tensão gerada ao longo do poema devido a construção dessas imagens também pode ser percebida em outro recurso utilizado pelo autor: o ponto final, que encerrando cada

sentença, marca uma pausa de grande significado para o texto. É como se o sentido do que ele pretende dizer se esgotasse sempre ao término de cada sentença, gerando uma tensão no leitor que não sabe o que será dito depois. O sujeito poético apresenta as imagens que ele associa ao homem, mas essa relação só é percebida posteriormente, isso porque o ponto final, como afirma Bosi (1977), “quebra” o ritmo do poema e dá a ideia de que a imagem não se refere a nenhum outro ser, que seu significado se encerra nela mesma. No entanto, o autor surpreende o leitor ao introduzir a próxima sentença com um travessão, marcando o início de uma resposta ao que foi escrito anteriormente. Há, portanto, continuação e não encerramento, e o leitor pode perceber que, na verdade, as imagens se referem ao homem por um grau de parença que o autor as atribui por meio da categorização.

Nos versos finais do poema, no entanto, percebemos uma ambiguidade em relação à visão de negatividade que o eu lírico tem do homem:

A vida marcha para a concretização de todas as ideias e de todos
os pensamentos.
— Para onde marcha o homem.

Ele não o categoriza mais como um ser maléfico e o travessão não inicia com a palavra “homem”, mostrando que o que foi referido antes não se trata de uma característica destrutiva do homem. É como se a quebra do segmento do poema fosse favorável à construção de uma visão positiva sobre a espécie humana, pois o sujeito poético afirma que a vida marcha para concretizar todas as ideias e todos os pensamentos do homem. Poderíamos supor que há, portanto, uma ideia inicial de bondade desse ser, de grandiosidade, que logo desaparece se percebermos que, anteriormente, ele diz que a vida abriga e segue “todos os acabados monstros/ todas as famigeradas serpentes/ todos os ventos e todas as tempestades”. A generalização confirma que o sujeito poético não vê bondade alguma no homem e, por isso, as suas ideias e pensamentos não têm como alcançar nenhum grau de positividade. Dessa forma, a conclusão reforça o tom melancólico que havia sido colocado nas outras partes do poema: a maldade humana domina a vida e predomina nela.

O poema apresentado a seguir não foge aos demais e se desenvolve em torno de uma atmosfera predominantemente melancólica. Vejamos:

TRÁGICO O MUNDO... TRÁGICO O MUNDO...

Quanto de horrores nesta cidade...
Noturno e negro, tudo profundo...
Tudo essa angústia da cristandade...
Trágico o mundo...

E as mãos erguidas para o céu alto
Pedindo a glória que já não vem...
O amor é falto... tudo tão falto...
... E o céu também
As mãos erguidas para o céu alto...

Ânsias chorando n'alma perdidas,
Ânsias de choro o coro dos astros...
Por quantas vidas... por quantas vidas...
... E os alabastros
Ânsias de choro n'alma perdidas...

A sensitiva do desalento
Padece as horas do mais terror...

Sombriamente, sombrio e lento,
O mais amor
Amarga as horas do desalento...

Tudo na treva mais se reparte,
Tudo na treva, nessa agonia...
Por toda a parte... por toda a parte...
... E o pranto amargo de cada dia
Mais se reparte

E em tudo as ânsias da negra alvura
O céu opaco nada nos diz...
E um sino ao longe... sino da altura:
“... Tu, infeliz...”
... E tudo é o triste da negra alvura...

Erram comigo visões de sono...
Há pranto amargo nesses meus olhos...
Vejo abandono... sofro abandono...
Somente abrolhos
Erram comigo visões de sono...

Poeira do Céu e outros poemas (p. 255-256)

A melancolia se manifesta como uma recusa às formas de vida apresentadas ao sujeito poético que nada vê além da tragicidade do mundo, concebendo-o como um lugar de horrores. O próprio título repetido “Trágico o mundo... trágico o mundo...” revela o modo desolador como o mundo é percebido, ao lado das reticências que parecem alongar esse processo. As reticências, por sua vez, repetem-se por todo o poema, tanto no meio, como no início e final das estrofes, o que aponta para uma onda contínua de sofrimento que se espalha na visão do eu lírico. Este, por sua vez, não consegue enxergar o fim do tormento que se prolonga a todo instante.

Outro processo de repetição bem presente é o paralelismo. Os primeiros versos de cada estrofe sempre se repetem, parcial ou integralmente, ao final das estrofes e também nas repetições no meio delas. Além de ser um recurso sonoro de grande força representativa e significativa no poema, serve de reforço às ideias do sujeito lírico que são retomadas a todo instante. Dessa forma, os paralelismos intensificam a ideia de angústia, de dor, de desespero, que, na repetição, parece formar um círculo de horrores, é como se o sujeito poético por mais que quisesse se libertar dessa condição não conseguisse porque ela está em constante retorno.

Também corroboram para esse ambiente de sofrimento as palavras *horrores*, *noturno*, *negro*, *profundo* e *angústia* presentes na 1ª estrofe que possuem uma carga semântica de destruição, desespero, escuridão, ajudando a compor o quadro descritivo da realidade visto pelo eu lírico. A repetição da vogal “u” em posição tônica nas palavras *noturno*, *profundo* e *angústia* intensificam o tom sombrio e contribuem para “criar” a imagem trágica. Entretanto, há que se destacar que essa relação entre o som do signo e o objeto não ocorre de maneira direta, pronta, como afirma Bosi (1977) em *O ser e o tempo da poesia*. Para o autor, esse nexo deve considerar que existem limites no código linguístico, uma vez que não há um significado específico para cada som da linguagem, e considerar também toda a construção do tema, o que envolve a sonorização, o ritmo, o metro, os ecos e contrastes, a entoação e o andamento da frase.

As rimas, que também são um recurso sonoro, quando consoantes, conferem uma recorrência contínua aos versos, um caráter mais preciso da organização do tema. Embora o

poema em análise seja construído sob o rigor desse tipo de rima, revela uma contradição em relação ao tema, pois esse nada tem de organizado, pelo contrário, demonstra toda a falta de ordem a que o mundo está submetido. Essa visão de caos remete-nos àquela visão sobre modernidade discutida por Berman (1986), para quem essa é uma época paradoxal que proporciona grandes avanços em todos os setores da sociedade, mas também conduz o homem ao declínio, desestrutura a sua vida a ponto de ambos, modernidade e homem, transformarem-se em “multidão de fragmentos”.

Na 3ª estrofe, o autor faz uso de duas imagens que, a priori, parecem desconectadas dos demais versos: “o coro dos astros.../... E os alabastros”, mas analisadas com cuidado, também confluem para a manifestação da melancolia. Os astros, segundo Benjamin (1984), foram objeto de veneração por muito tempo na história da humanidade e significavam poder e glória, e ainda significam hoje, talvez não com a intensidade de antes. No poema, notamos ainda que na 2ª estrofe o eu lírico não alcança resposta alguma do céu, imagem também de glória e poder. Como este não envia a salvação pedida, os astros nada têm a dizer a não ser também se lamentar, e este parece comportar toda a melancolia das almas perdidas, uma vez que se manifesta em coro. “E os alabastros”, por sua vez, sendo uma variedade muito branca e translúcida de um mineral, não deixa ver as coisas com nitidez. Metaforicamente, essa imagem representa a forma obscura e confusa de o melancólico enxergar o tempo presente.

Nas estrofes 4, 5 e 7, o poeta faz uso de um recurso muito comum nos seus poemas: a sinestesia. Seguem-se os versos: “amarga as horas do desalento.../... E o pranto amargo de cada dia/ Há pranto amargo nesses meus olhos...” Os versos, fazendo uso desse recurso, apresentam um lirismo profundamente melancólico que ao lado de outra figura, o paradoxo, manifestada no vocábulo “negra alvura” e de repetições, a princípio redundantes, como “sombriamente sombrios” constitui o que Santos (2010) chama de “extremos” da poesia de João Lins. Extremos porque as imagens paradoxais, a linguagem estranha, ao mesmo tempo que exteriorizam a melancolia do eu poético, também revelam a dor interior por ele vivida. É como se a “desarmonia” da linguagem correspondesse à desordem subjetiva do eu lírico.

Esse isolamento do sujeito melancólico está presente na última estrofe do poema:

Erram comigo visões de sono...
Há pranto amargo nesses meus olhos...
Vejo abandono... sofro abandono...
Somente abrolhos
Erram comigo visões de sono...

Em todas as estrofes o sujeito poético exterioriza sua melancolia para o mundo que está fora dele, mostrando a visão trágica que tem da realidade, mas isso só ocorre porque o mundo cobra um modo de viver que o indivíduo não aceita. Percebendo que a vida é efêmera e o homem finito, o sujeito se entrega à melancolia (SCLIAR, 2009). Agora ele se concentra no seu interior e revela a dor de si. Na última estrofe, essa passagem é visível quando o eu lírico retorna ao universo subjetivo para mostrar também o seu sofrimento, a sua condição de abandono. Aparece então o lirismo intimista, manifestado sob forte melancolia. O sujeito encontra-se deslocado no mundo, abandonado, em situação de desprezo e lamenta o peso da sua condição de amargura.

Percebemos com tudo isso, que a poesia de João Lins é repleta de melancolia, seja consigo mesmo, com o mundo a sua volta, com a criação de um eu lírico totalmente amargurado que vê apenas o lado negativo dos acontecimentos do mundo, desacreditado da bondade humana e do futuro que parece não dar espaço a possibilidades de mudança. Intimista, revela a dor de si mesmo num profundo lamentar de seu sofrimento.

Conclusão

Objetivando refletir sobre a constituição lírica de João Lins Caldas partindo do enfoque da melancolia, podemos constatar que a sua poesia é predominantemente melancólica, seja por uma perda de “natureza ideal” tendo em vista não ter realizado o sonho de ser um poeta notadamente reconhecido e de não conseguir publicar nenhum livro, seja no tratamento dos temas que se desenvolvem em torno de uma aura melancólica, ou na construção de um sujeito poético que apresenta a própria ruína interior a que está submetido.

A degradação do sujeito poético é transferida para a linguagem que também se fragmenta. Essa constatação foi possível a partir dos objetivos da pesquisa, por meio dos quais procuramos, na estrutura dos poemas, encontrar traços que revelassem essa melancolia do eu lírico consigo mesmo e com a realidade a sua volta. Dessa forma, podemos confirmar que é por meio da linguagem que ele consegue exteriorizar sua condição melancólica, como se a disposição confusa dos termos, dos versos, as redundâncias retratassem toda a sua falta de estrutura interior.

Assim, a organização formal, rígida dos poemas pode ser vista como uma resistência à fluidez que a sociedade representa ao passo que a “desarrumação” conferida pelas figuras e imagens contraditórias resiste à falsa ordem de um sistema repleto de incongruências, além de revelar a dor interior do sujeito lírico ocasionada, em grande parte, por não encontrar seu lugar nesse mundo.

Percebemos com tudo isso, que a poesia de João Lins é repleta de melancolia, seja consigo mesmo, com o mundo a sua volta, com a criação de um eu lírico totalmente amargurado que vê os desajustes do mundo com muito pesar, desacreditado da bondade humana e do futuro que parece não dar espaço a possibilidades de mudança. Intimista, revela a dor de si mesmo num profundo lamentar de seu sofrimento.

A leitura ora desenvolvida sobre a poesia de João Lins Caldas buscou ampliar uma das facetas apontadas pela pesquisa de Santos (2010), qual seja, a verve melancólica presente na poesia do autor. É, portanto, uma leitura que contribui para compreender um pouco mais a sua constituição lírica melancólica. No entanto, como sua poesia não se desenvolve unicamente em torno da melancolia, mas de uma diversidade de temas, continuar estudando-a faz-se necessário, pois assim pode-se contribuir com o enriquecimento da memória literária potiguar.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/4t.../walter_benjamin_-_origem_do_dr.htm>. Acesso em: 20 jan. 2012.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977. Disponível em: <<http://www.4shared.com>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

CALDAS, João Lins. *Poeira do Céu e outros poemas*. Organização, introdução e notas de Cássia de Fátima Matos dos Santos. Natal: EDUFRN: NCCEN, 2009.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. 1917. Disponível em: <http://www.4shared.com/.../Luto_e_Melancolia>. Acesso em: 13 jan. 2012.

GINZBURG, Jaime. Conceito de melancolia. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. A clínica da melancolia e as depressões. Porto Alegre: APPOA, n. 20, 2001, p. 103-116.

SANTOS, Cássia de Fátima Matos dos. *Vaga-lume na treva: a poesia de João Lins Caldas*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/8003052/Moacyr-Scilar-Saturno-Nos-Tropicos>>. Acesso em: 21 set. 2011.

SCLIAR, Moacyr. Pequena história da melancolia brasileira. *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://poesiatavolaredonda.bolgspot.com/.../melancolia-na-literatura.html>>. Acesso em: 21 set. 2011.

SCLIAR, Moacyr. A melancolia na literatura. *Cad. Bras. Saúde Mental*, v. 1, n. 1. Jan-abr. 2009. (CD-ROM). Disponível em: <http://www.cbsm.org.br/artigos/artigos/01_Moacyr_Scliar.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2012.

SILVA, Elianne Alves. *O lirismo melancólico na poética de João Lins Caldas*. Monografia (Graduação em Letras). Assu: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2012.